

MADRUGADA

Susana da Clara

Aluna Finalista da Licenciatura em Tradução e Escrita Criativa

Venho de uma geração de costureiras. Cresci rodeada de senhoras sedentas pela última moda, por linhas, tecidos e pela magnânime máquina de costura, a heroína, aquela que nos matou a fome. Tive os meus primeiros sapatos graças à sua ajuda, aos oito anos de idade. A relação com a minha avó não era das melhores. As tardes passadas em sua casa eram um tormento, pautadas por ameaças descabidas, sem sentido. Dizia sempre o mesmo num tom sarcástico:

– Quando morrer, o meu espírito não te deixará em paz nem de noite nem de dia.

Nunca entendi o porquê da sua amargura. Arrependo-me de a ter deixado morrer, muito ficou por dizer, tinha tanto para lhe perguntar e não aproveitei. Enfim... Ela era muito dada a fanatismos, o oculto fascinava-a, tantas vezes a ouvi rezar numa língua estranha. Português não era certamente... Só falava desses assuntos. O pânico assolou a minha alma durante anos. Agravou-se no dia em que a minha avó faleceu. Mas tudo passou, quando me tornei adulta.

A minha mãe herdou a máquina de costura. Ao fim de vinte anos, quando suas mãos já não podiam trabalhar, deu-me a máquina. Ela sabia do amor que nutria por aquela relíquia. Uma noite, acordei com um barulho proveniente da sala de minha casa. Cheguei ao corredor, e não tive coragem de avançar. O pedal da máquina de costura andava sozinho. Tudo o que a minha avó dizia veio à minha memória. Não podia ser...

Isto já dura há uma semana. A noite passada não foi exceção. Cada vez que ouço o barulho, não consigo passar do corredor. Tenho medo. Nem o meu gato me dá segurança... Chamei médiuns, padres e todos foram perentórios a confirmar a existência de espíritos. Outros até afirmaram tratar-se da minha avó. Histórias mirabolantes em que acredito devido aos factos presenciados. Todos prometeram tirar os fantasmas da minha casa. Nada funcionou.

São quatro da manhã. Se ouvir barulho, vou ter coragem de ir à sala. Prometi a mim mesma, esta manhã.

– Espera! O som do pedal voltou. Dirijo-me à sala, vou ficar aqui, no corredor, só um bocadinho...

Respiro fundo, corro para a sala e...

– Sebastião!?! – repreendi-o, afagando-lhe o pelo.